

IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

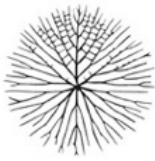
AS VANGUARDAS DE CONTRA-CULTURA E A EPISTEMOLOGIA DECOLONIAL: RELAÇÕES E AFETAÇÕES EM PRÁTICAS POÉTICAS/SUBVERSIVAS NA CIDADE DE BELÉM

**Bruna Suelen
Cláudia Leão**

1. Introdução:

Minha trajetória poética se constitui a partir de práticas colaborativas em rede, em articulação, dentro da Rede[Aparelho]-, coletivo de arte que ocupava as ruas da cidade Belém com a intenção de distribuição de informação e circulação de produções em arte independente, criando um circuito próprio e potente de cultura livre. Nossas ações, desde sempre foram pautadas em críticas ao sistema de arte, na tentativa de desconstrução de um racismo institucional e estrutural, onde propúnhamos produção e distribuição de conteúdos fora de circuitos normatizantes da arte, bem como ações em comunidades periféricas e de matriz africana aonde a arte tradicional não chega(va), negando acesso as pessoas que ocupam esses cenários, em sua maioria pretos, pobres, marginalizados através do processo de escravidão que permanece até hoje em nossas construções subjetivas, se preto é privado de consumir conteúdos mais críticos, imaginem produzi-los? Além das nossas ações diretas, uma prática comum em nosso cotidiano coletivo eram os estudos, leituras de textos e troca de conteúdos midiáticos, que serviam de referências, fundamentação de nossas práticas e produções. Nesse momento, comecei a me relacionar com as vanguardas de contra cultura, a conhecer os movimentos europeus que vieram pós vanguardas modernas, e que construíram todo um cenário de subversão naquela Europa já pós-industrialização e na sua efervescente industrialização cultural. Me deparei com movimentos como o Situacionismo, que além de pensar a sociedade do espetáculo, vinham com uma proposta de ocupação dos muros de Paris, em plena revolução estudantil daquele maio de 1968, através de cartazes combativos ao sistema reacionário imposto, e também com um grupo chamado Provos de Amsterdã, que já pensavam a mobilidade urbana de maneira autônoma, isso em meados de 1960/1970, com as suas Bicicletas Brancas, seu trabalho mais significativo.

Esses, entre outros movimentos, que irei explorar com mais afinco no artigo completo, formaram um imaginário subversivo que me compõe, entretanto, após o ingresso no doutorado em artes, passei a me interessar por uma epistemologia decolonial, que está me trazendo a compreensão da realidade territorial da Amazônia, da América Latina, e de todos os processos de colonialidades que nos habitam, tanto do poder, do saber, quanto do ser. Portanto, o objetivo deste resumo expandido é se propor a projetar a escritura de um artigo que relacione ou afaste o movimento de



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

vanguarda da contra-cultura, tais como Situacionismo, Movimento Cobra, Fluxus, Provos, Etc. com os três conceitos principais do pensamento decolonial: Bem viver, Racialização e Sexismo, encontrados em Quijano, Grosfoguel, Alberto Costa, bell hooks e Maria Lugones. É necessário deixar claro que o objetivo deste trabalho é encontrar aberturas de afetações, pois traduzem uma trajetória pessoal de giro epistemológico, no que tange ao lugar da arte em minha pesquisa e poética, e para encontrar esse lugar, pretendo fazer um estudo que intercruze história da arte e epistemologia decolonial, na intenção de abranger as relações da arte e pensar modos de conexão entre arte, cultura e sociedade.

2. Metodologia:

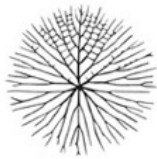
Este trabalho é a criação de um percurso bibliográfico que pretende fundamentar minha tese de doutoramento, portanto, o que irei fazer é ir ao encontro, através do método cartográfico, com conceitos afins, partindo de livros como *Assalto à cultura: utopia, subversão e guerrilha na (anti) arte do século XX*, de Stuart Home, e os livros da coleção Baderna da editora Conrad, tais como, *Situacionismo*, da Internacional Situacionista, *Maio de 68*, do grupo Solidarity, *PROVOS*, do próprio grupo, e *A arte de Viver para as novas gerações*, de Raoul Vaneigem, na intenção de ilustrar essa cena de vanguardas de contra-cultura, criar decalques, para entender a construção dessa situação que vai influenciar grupos como o meu, nos anos 2000, na cidade de Belém do Pará. E em seguida fazer uma ligação, com os conceitos de Bem Viver, Racismo e sexismo, temas tão caros a construção de quem somos nós na amazônia urbana brasileira, seres, pesquisadores, intelectuais, professores, artistas, pessoas, recortadas por uma colonialidade até mesmo, quando nos propomos à desconstrução de um sistema de arte. Usarei aqui o conceito de *Colonialidade do Poder* de Anibal Quijano e a ideia de *Bem Viver* de Alberto Costa, para pensarmos a questão de ocupação de território, para pensar Racismo, buscarei os *quatro epistemicídios* proposto por Ramón Grosfoguel, e as questões de *gênero, classe e raça* propostos por bell hooks para atinar uma teoria feminista como prática de amor e da liberdade, indo em direção a um *feminismo decolonial*, Maria Lugones será acionada.

3. Resultados e Discussão:

Esse artigo é um projeto, e como advêm de uma metodologia cartográfica, está aberto em seus diálogos a chegar a um lugar indefinido ainda. Acredito que essa discussão venha a trazer um cruzamento de informações relevantes para se pensar questões de resistência cultural, intelectual e social nesse território que nos acomete, que é a cidade de Belém, Amazônia Urbana. Pois a grande questão é o que nos referencia enquanto sujeitas/os subversivas/os de sistemas pré-definidos, na tangente de práticas que dizemos ser em resistência?

4. Conclusões:

Eu acredito que esse intercruzamento entre história da arte, através das vanguardas de



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

contra-cultura, e uma epistemologia decolonial, pode nos conduzir a lugares não vistos antes para pensar o estado da arte em nosso território e pode ainda nos ajudar a nos olharmos com mais afeto, com mais respeito as nossas práticas ancestrais imbricadas em insistências em nosso ser, por mais que os processos de colonização tentem enceguitar.

5. Palavras-chave:

Vanguardas de contra-cultura, Epistemologia Deconial, Lugar da Arte, Amazônia urbana.

6. Referências bibliográficas

Costa, Alberto. O bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São paulo: editora elefante, 2016.

Grosfoguel, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Soc. estado*. [online]. 2016, vol.31, n.1, pp.25-49.

Home, Stwart. Assalto à cultura: utopia, subversão e guerrilha na (anti) arte do século XX. São Paulo: Ed. Conrad, 2005.

hooks, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

_____. Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução Catia Bocaiúva Maringolo. São Paulo : Elefante, 2019

Lugones, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. In. Estudos Feministas. Florianópolis: UFRGS, 2017.

Provos. São Paulo: Ed. Conrad, 2003.

Quijano, Anibal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América latina. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Solidarity. Paris: Maio de 68. São Paulo: Ed. Conrad, 2003.

Vaneigem, Raoul. A arte de Viver para as novas gerações. São Paulo: Ed. Conrad, 2002.